

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NO ESTUDO DE GÊNERO E RAÇA NO SÉCULO XXI

José Sergio Dias Page

Pós-graduando em Cultura, Patrimônio e Educação pelo IFF de Santo Antº de Pádua
jdiaspage@gmail.com

Resumo

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada para uma disciplina do INFES/Pádua denominada “Teoria de Gênero e Masculinidade” no ano de 2016 e tem como objetivo apresentar a importância dos debates sobre “Gênero” em nossas escolas no contexto atual. Atualmente, os temas envolvendo a teoria de Gênero tem sido corriqueiro nos programas de televisão, sites da internet, debates relacionados a programas de televisão e em contrapartida vem ganhando um grande espaço no Sistema Educacional Brasileiro sendo o teor dos assuntos questionados pelas famílias, instituições religiosas e corpo escolar. Usou-se durante o período disponível de pesquisas algumas comparações entre as bibliografias selecionadas no trabalho e os questionamentos práticos relacionados aos discentes com questionários fornecidos pelo professor. A metodologia de estudo utilizada consistiu em discussões teóricas de caráter bibliográfico sobre a teoria de gênero e de um questionário para confrontar a teoria dos livros escritos por ALMEIDA (2000), BUTLER (2003), LOURO (1997), PARKER (1991), SCAVONE (2008), dentre outros. Por meio do desenvolvimento do presente estudo, foi possível observar que adquirimos parâmetros mínimos para integrar os novos dados ao ambiente educacional no Noroeste Fluminense, observando como é complexo os debates que envolvem o tema “Gênero” nas escolas, devido a carga cultural recebida pelas famílias e instituições religiosas, mas que são de elevado mérito para o engrandecimento do processo de ensino-aprendizagem dos futuros cidadãos brasileiros.

Palavras-chave: Cidadania; Escola; Gênero.

Introdução

O Brasil tem sido palco de muitos debates políticos, religiosos e sociais, onde a maioria deles está pautada na “Intolerância” registrada por diversos grupos na sociedade. O autoritarismo e a arbitrariedade vão fazer com que alguns grupos (como o feminismo, negros e os LGBTTTs) busquem espaços para a discussão dos seus direitos sociais. A preocupação com o bem-estar do ser humano tem ficado de lado e o que importa para muitos é o aspecto biológico de cada um (se é menino ou menina), onde começam a surgir às ofensas por causa da aparência, seja pela opção sexual, raça e cor. Esta falta de conhecimento referente às multiplicidades culturais tem trazido à tona práticas que produzem o bullying e a discriminação de grupos, por adotarem caminhos que divergem dos padrões estabelecidos pelas ideologias na sociedade.

Dentre estes assuntos encontra-se a “Teoria de Gênero” e a fixação em estabelecer as diferenças dos seres humanos em masculino e feminino, utilizando assim só o fator biológico nesta análise social e cultural. Nas últimas décadas, o termo “Gênero” tem sido levado em consideração para estabelecer algumas ações práticas pelos homens e mulheres em diversas sociedades. Muitas sociedades pautam a existência de 2 papéis de gênero, masculino ou feminino, levando em consideração a existência biológica do ser humano criado por Deus. Hoje é imprescindível olhar para a sociedade, onde as pessoas estão se apoderando do direito de discutir o seu Gênero opondo-se ao sexo biológico ao qual nasceu. Estes estudos sobre Gênero vão iniciar na década de 60 (EUA e Europa) e em 1990 chega ao Brasil, assinalando que as características que apreciamos pertencer a um sexo (biológico) são construções culturais e sociais podendo ser praticadas tanto pelo homem quanto pela mulher através de ações performáticas. Segundo Scavone, “... os estudos de gênero emergem na mesma época em que eclode a segunda onda feminista, revelando o diálogo entre o feminismo e as teorias sociais” (2008). O termo gênero passou a ser utilizado para explicitar as construções culturais e sociais envolvendo a feminilidade e a masculinidade.

Hoje ainda existe resistência por parte das famílias, igrejas e até mesmo nas escolas para se discutir o tema “Gênero”. Para Rodrigues, “o gênero é uma

performance que se dá em qualquer corpo, (...) como um construto cultural, ressaltando o aspecto social/cultural da vinculação entre sexo e gênero” (2012). É difícil compreender e deixar para trás a cultura do biológico como determinante do ser homem ou mulher, mas culturalmente falando, as transformações ocorrem e não dá mais para continuar com práticas discriminatórias sendo propagadas por algumas instituições sociais.

A escola é um ambiente de ensino coletivo que deve resgatar o passado e modificar suas vidas, produzindo uma atividade de reflexão constante acerca das ações e métodos constitutivos dos valores éticos, morais, sociais e a dignidade de uma sociedade. Conforme cita Libâneo, “Pela educação escolar democratizam-se os conhecimentos, sendo na escola que os trabalhadores continuam tendo a oportunidade de prover a escolarização formal aos seus filhos...” (1994, p. 24).

As instituições educacionais devem promover este estudo sobre o “diverso” cultural propondo ao aluno o desenvolvimento de um olhar diferente sobre a alteridade, reconhecendo o outro como aquele que também possui saberes, valores e práticas distintas das nossas, levando ao reconhecimento do valor que o outro grupo possui e a aceitação da diversidade cultural entre os povos. A escola deve trabalhar a existência das diferenças, pensando no multiculturalismo como um instrumento de combate para as discriminações relacionadas ao gênero, raça e idade.

Assim, foi realizado uma pesquisa relacionando o assunto Teoria de Gênero com os discentes do 3º ano da CEPBS para que pudesse ter uma visão de como foi trabalhado este conteúdo em sala durante o Ensino Médio e quais as transformações ocorridas na vida dos mesmos em sua vida escolar.

Metodologia

O trabalho foi realizado no CEPBS na disciplina de Sociologia, consistiu em debates, rodas de conversas e na aplicação de um questionário acerca do assunto “Gênero” com estudantes do 3º ano do Ensino Médio, somando 54 alunos aproximadamente. O questionário era composto por 9 questões que envolviam a parte teórica dos debates.

Após as porcentagens concluídas, foi dada sequência aos debates e parecer dos discentes envolvidos no trabalho como um momento de reflexão de um assunto importante para a sociedade contemporânea.

Objetivos

Objetivo geral: Proporcionar aos discentes a oportunidade de refletir sobre a “Teoria de Gênero” na sociedade.

Objetivos específicos: Despertar nos adolescentes um senso crítico perante a complexidade do tema “Gênero”, incorporar o respeito e o cuidado para com a diversidade na sociedade, estimular a mudança prática de atitudes cidadãos em relação ao tema “Gênero”.

Desenvolvimento

Estudando a disciplina “Teoria de Gênero e Masculinidade”, nota-se que existe a necessidade de um maior debate sobre o assunto que é visto por muitos com preconceito e discriminação, não aceitando esta teoria surgida através das transformações “físicas” e sociais adquiridas pelos seres humanos na História. Estudar a “Teoria de Gênero” é mostrar as transformações sociais que ocorrem na vida humana, deixando para trás a análise simplista do biológico e permitir que o social possa ser levado em consideração, visto que o “Gênero” é uma ação performática de cada ser biológico, seja homem ou mulher.

Giddens (2004) menciona que as diferenças existentes entre homens e mulheres se relacionam às desigualdades e às relações de poder em uma comunidade. No Brasil, o patriarcado, existente no período colonial deixou resquícios que perpetuam este poder até os dias atuais. O regime do patriarcado foi um sistema social onde o homem (heterossexual, de origem europeia e rico), exercia seu poder sobre as mulheres, crianças e escravos, atuando e mantendo sua força política, moral e econômica, exercendo com isto o poder total na sociedade.

O patriarcalismo orientou o papel sexual do homem e da mulher brasileira. O livro de Richard Parker, “Corpos, prazeres e paixões”, apresenta uma sociedade sensual, mas que ainda existe uma diferença entre o público e o privado, com influências

marcantes deste sistema patriarcal, do domínio da Igreja Católica e seus dogmas. Está diferença ocorre entre o que se prega e o que se faz, criando uma moral dominante no país. Parker ainda demonstra como o poder criado (ideologia) vai legitimando esta estrutura social, onde os homens se diferenciam pela autoridade e domínio e as mulheres, pela sujeição e submissão, onde a diferença anatômica é transformada em valores, associados à feminilidade e a masculinidade.

Este homem, branco, heterossexual, letrado e rico, vai se perpetuando na sociedade pelo uso da violência, que é apontada por Nolasco (2001), como uma forma de propagar os valores e representações da masculinidade hegemônica e a sua subjetividade. Em outras situações, o homem de verdade, segundo Nolasco, “tem que ser provedor, protetor, beber, ser generoso e competitivo” (p. 99). É o tempo e a ação do ser humano produzindo novas posturas culturais na História da Humanidade.

O tempo passou e os discursos/ações sobre o feminismo e movimentos sociais por espaços dignos de sobrevivência vão acontecendo. Com os diálogos existentes entre o gênero, feminismo e a masculinidade na contemporaneidade surgiram alguns nomes importantes para estabelecer estas discussões. Foucault elencou análises com o feminismo sobre as questões do corpo, “... das tecnologias de poder, mostrando como se produziu sujeitos e corpos disciplinados” (1979). Os estudos de Gênero vão surgir por volta dos anos 70 e 80 para buscar respostas à problematização das condições feministas.

Butler (2003) vai declarar que um ser humano nasce menino ou menina do ponto de vista biológico, mas por ser o “Gênero” um atributo cultural que vai sendo construído socialmente, a identidade deste ser humano, masculina ou feminina, será construída ao longo de sua existência nos processos de socialização. Esta teoria vai mexer com os alicerces do feminismo, visto que o gênero é um elemento construído socialmente e com bases que se criam na cultura (as feministas enxergavam o sexo como tributo natural) e a identidade de um ser humano (sexo ou gênero) vai depender de como vamos executar estes papéis em nossa vida diária. Almeida (2000), mostra que ser homem pelo senso comum é não ser mulher e seus genitais masculinos. Ele ainda relata que o gênero “é uma área de estudos e do real que

introduz novidades a epistemologia, [...] não criando grupos sociais, mas sim categorias” (p. 130).

Bocayuva (2001) vai citar relatos atribuídos a sociedade brasileira, onde destaca as relações entre os habitantes da Colônia, com análises que irão levar em conta citações de Casa-Grande e Senzala, onde Freire sempre relata sua visão regional sobre a questão de raça e gênero no Brasil. Seus estudos mostram que “... a oposição extrema entre os gêneros era operada pelo social, tanto é que, em alguns casos, na ausência do patriarca, a mulher podia assumir suas tarefas e mesmo seu gênero” (FREYRE, p. 133). Bocayuva, continua mostrando que a sociedade é uma construção, onde a Ideologia Hegemônica vai determinando os tempos, exaltando um grupo étnico e menosprezando fisicamente e culturalmente outros, como era o caso do negro, índios e mulheres, na qual ela cita “... de um lado, negros e mulheres (os inferiores), e, de outro lado, brancos e homens (superiores) (p. 99).

A cultura carrega uma grande quantidade de artefatos, bens, processos técnicos, ideias, hábitos e valores herdados das sociedades antigas e que precisam ser alteradas com a inclusão dos novos hábitos, valores e conquistas adquiridas ao longo dos movimentos sociais. O peso do patriarcado e a influência religiosa devem ser revistos para que a intolerância, a violência e o machismo não sejam praticados no dia-a-dia em nossa sociedade.

ESCOLA: DEBATE SOBRE GÊNERO E RAÇA

A cidadania não se dá com um simples dever de casa, da forma que fazemos em nossos conteúdos. A cidadania é uma prática de construção diária envolvendo as novas relações, criando consciências e aprendendo a viver de forma social e política. Para Dallari, “Quem não têm cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social” (p. 14). Dallari ainda completa dizendo que “... toda comunidade deve se desenvolver, [...] para que assim as escolas exerçam sua função reflexiva” (p. 14).

Esta mudança de mentalidade é algo que demora a acontecer devido aos encontros e desencontros históricos, proporcionado pelas ideologias autoritárias e racistas (hegemônicas) que avançam o tempo deixando alguns sinais discriminatórios para a sociedade do século XXI. A escola precisa ser uma protagonista nos assuntos relacionados ao multiculturalismo e na criação dos caminhos e métodos de ensino para reverter as práticas discriminatórias existentes. Os currículos escolares devem estar pautados na problematização da realidade social, sendo composta pela visão multicultural e espaço para debate sobre os gêneros.

A Teoria de Gênero foi alvo das nossas pesquisas e debates realizadas em sala de aula em 2 turmas de 3º ano do Ensino Médio da CEPBS com 54 alunos na sua totalidade. Todo grupo precisa de uma identidade e segundo o profº Munanga (2000), “... a identidade é para os indivíduos a fonte de sentidos e de experiência.

Toda identidade exige reconhecimento”. No Brasil, a cultura hegemônica busca colocar as demais culturas como elementos inferiores na sociedade, não reconhecendo assim o seu valor, causando um grande prejuízo ao grupo depreciado.

Para a autora Louro (1997), “a diferença sexual anatômica não pode ser pensada de forma isolada das construções sociais e culturais da qual faz parte. [...] o gênero é uma categoria imersa nas instituições sociais” (p. 103), fazendo-se necessário a ajuda da justiça, da escola, da igreja, etc, para a concretização e reconhecimento da identidade de gênero.

Durante 2 semanas foram realizadas algumas conversas e intervenções sobre a “Teoria de Gênero”, levando em consideração o embasamento biológico defendido por uma grande parcela da sociedade, como instituições religiosas e familiares. Mas também foi apresentado aos discentes a noção de “Gênero” levando em consideração a sua estruturação performática, embasada pela construção social e cultural.

O resultado das questões propostas em porcentagem foram estes:

Questionário Informativo – Gênero e Raça na CEPBS

Questionário	Porcentagens (Sim)	Porcentagens(Não)
1. Você já ouviu falar em “Teoria de Gênero”?	75%	25%
2. Homens e mulheres devem possuir os mesmos direitos?	88%	12%
3. Os (as) professores (as) trabalham de forma adequada o tema “sexualidade e gênero”?	85%	15%
4. A Igreja interfere na formação cultural da sociedade e na opção sexual dos cidadãos?	63%	37%
5. Estas aulas sobre “Gênero” ajudaram no processo de desconstrução dos estereótipos?	90%	10%
6. Existe bullying em sua escola, em relação à opção sexual?	35%	65%
7. Existe bullying em sua escola, em relação à raça/grupos étnicos?	20%	80%
8. A escola interfere na vida das crianças e adolescentes inibindo seus desejos?	57%	43%
9. A família é responsável pela inculcação das características sexuais na sociedade?	70%	30%

Fonte do autor.

Estes resultados mostram que a escola tem muito a contribuir na formação de uma sociedade. Seus discentes ainda carregam consigo marcas que são repassadas de geração para geração. Alguns docentes estão aptos para trabalhar com a temática de “Gênero”, mesmo possuindo uma mentalidade pautada nos preceitos bíblicos e ensinamentos de seus familiares. Em relação a opções sexuais, o número de bullying é maior do que em relação aos grupos étnicos/raciais. Isto se deve, segundo os discentes, aos constantes trabalhos que são realizados durante o ano, sobre a Cultura Indígena e Afro-brasileira. A Teoria de Gênero ainda é algo recente na vida e conversas em sala de aula.

As escolas por mais bem estruturadas que sejam, voltada para a construção da cidadania em seus alunos, ainda reproduzem alguns tipos de brincadeiras e ações que reforçam a divisão entre meninos e meninas, como por exemplo: o bom aluno sempre é característica de menina, os meninos devem trazer carrinhos e as meninas bonecas, futebol é dos meninos e a queimada das meninas, ser professor de 1º ao 5º ano é coisa de mulher, a dança é coisa de menina, dentre outras citações feitas pelos discentes.

Conclusão

Neste trabalho, observa-se que a Teoria de Gênero precisa ser um assunto presente em nossas escolas para que através dos debates e reflexões, os alunos possam obter o conhecimento necessário e com isto haja a diminuição do preconceito vigente em torno do assunto.

Mesmo realizando palestras e fazendo um trabalho transformador na região, as escolas precisam focar seus esforços e trabalhar mais este conceito “Gênero” para que se construa uma nova identidade nos discentes dos próximos anos, ensinando o respeito a todas as sexualidades, gêneros e raças. A imponência da beleza é algo que se encontra em várias partes, desde que se valorize o multiculturalismo presente na sociedade. E a escola possui esta visão de resgate do passado para que se modifique posturas sociais no presente e futuro, tornando-as mais confiantes e com sua auto-estima recuperada. Segundo Pérsio, a “Escola é um estabelecimento onde se ministra um ensino coletivo e geral” (OLIVEIRA, 2004, p.

125). Mas temos a possibilidade de pensar mais longe quando vemos a escola como a única instituição democratizadora de culturas e capaz de desmistificar os estereótipos existentes em uma sociedade.

Ao final, concluí-se que as diferentes culturas sofrem muitas influências dos efeitos do tempo e das ideologias implantadas, mas cabe a luta institucional e pessoal para que as barreiras estereotipadas sejam ultrapassadas e vencidas pela aquisição do conhecimento.

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade**. Lisboa: Fim do Século, 2000.

BOCAYUVA, Helena. **Erotismo à brasileira**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DALLARI, D. A. **Direitos Humanos e Cidadania**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1998. p. 14.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Artmed, pp. 101-127, 2004.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade, educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MUNANGA, Kabengele. **O preconceito racial no sistema educativo brasileiro e seu impacto no processo de aprendizagem do “alunado negro”**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**. São Paulo: Editora Rocco, 2001. 10.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 2004.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller. 1991.

RODRIGUES, Carla. (2012). **Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de Derrida**. In Revista Latino-Americana. Rio de Janeiro, 10, Abr. p. 150-151.

SCAVONE, Lucila (2008). **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?** In Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, 16 (1), Jan./Abr. p. 173-186.